

**SUBJECTIVIDADE ENUNCIATIVA E DISCURSO RELATADO:  
CONTRIBUIÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO  
DE UM MÉTODO DE ANÁLISE**

Maria Helena ARAÚJO CARREIRA  
Universidade de Paris VIII

**RESUMO**

Os discursos relatos de outros discursos constituem lugares privilegiados para análises linguísticas que, partindo da hipótese da heterogeneidade dos planos de enunciação, tenham como objectivo o estudo dos processos linguísticos da articulação desses planos.

A articulação de diferentes planos de enunciação prende-se por seu turno à modalização discursiva.

Para abordar essa problemática propomos uma análise de enunciados produzidos em situação interlocutiva. Escolhemos enunciados em que os locutores relatam os seus próprios enunciados e os enunciados dos seus interlocutores.

Estes relatos integram-se em narrativas de acontecimentos vividos pelos locutores.

No âmbito da presente comunicação, limitar-nos-emos à análise de enunciados em discurso directo que relatam um desacordo entre os interlocutores.

Pela filtragem de enunciações anteriores, os locutores(-relatores) organizam as suas produções discursivas, fazendo prevalecer as suas próprias interpretações dos acontecimentos e dos discursos passados.

A nossa análise incidirá, assim, nas marcas de subjectividade enunciativa do discurso do locutor-relator.



Para abordar o domínio da subjectividade enunciativa e do discurso relatado, organizámos o nosso trabalho em três partes complementares.

Primeiramente, apresentamos uma síntese de diferentes reflexões teóricas relacionadas com a problemática escolhida e que nos parecem de maior alcance, com vista a análises de realizações linguísticas que estabeleçam um elo entre "subjectividade enunciativa" e "discurso relatado".

Seguidamente propomos um método de análise de processos linguísticos empreques na expressão da subjectividade enunciativa, partindo de enunciados relatados em "discurso directo" e que expressem um desacordo.

O balanço final dos resultados obtidos confirma a complexidade do domínio abordado e abre pistas para investigações futuras.

A subjectividade atravessa toda a expressão linguística: eis o nosso ponto de partida para a abordagem dos fenómenos linguísticos que analisaremos.

Situamo-nos no prolongamento das reflexões de Benveniste sobre a subjectividade na linguagem, sintetizadas pelo autor na seguinte passagem: "[Le langage] est marqué si profondément par l'expression de la subjectivité qu'on se demande si, autrement construit, il pourrait encore fonctionner et s'appeler langage. Nous parlons bien du langage, et non pas seulement de langues particulières. Mais les faits des langues particulières, qui s'accordent, témoignent pour le langage". (Benveniste, 1966, p. 261) Tentaremos assim, através de um estudo de discursos relatados, em português, abordar a expressão linguística da subjectividade.

No discurso relatado imbricam-se pelo menos dois planos de enunciação: o do "locutor-relator" e o do locutor cujos enunciados são relatados. A esta heterogeneidade necessária, ou, adoptando um

termo de Authier, "constitutiva" (v. Authier, 1982) se acrescentam outras "vozes" "constitutivas" por seu turno dos dois planos de enunciação referidos. Partindo da noção de polifonia desenvolvida por Ducort (1984), poderíamos caracterizar o discurso relatado como eminentemente polifónico.

A problemática que acabamos de esboçar, abordada num primeiro tempo pela crítica literária preocupada com o estudo da narração e com problemas de intertextualidade em textos literários (v. Bakhtine in Todorov, 1981), tem sido objecto, recentemente, de diversos estudos linguísticos (v. Langages n.º 73) que se prendem à Análise do Discurso (v. Maingueneau, 1987).

Reflectindo sobre a ideia desenvolvida por Maingueneau, segundo a qual "le texte n'est pas un stock inerte qu'il suffit de segmenter pour en tirer une interprétation, mais il s'inscrit dans une scène énonciative où les places de production et d'interprétation sont traversées par des anticipations, des reconstructions de leurs images respectives, images contraintes par les limites de la formation discursive" (1987, p. 65), parece-nos poder encarar o discurso relatado como um caso típico da actividade discursiva em geral.

A heterogeneidade enunciativa está com efeito bem patente nas formas de discurso relatado (v. Authier, 1984) e o seu estudo contribuirá para um melhor conhecimento da expressão linguística da subjectividade.

No âmbito do presente trabalho propomos uma análise de discurso relatado em situação interlocutiva. Escolhemos enunciados em que o locutor-relator introduz no interior da sua narração de acontecimentos passados por ele vividos, as "palavras" que ele proferiu e as "palavras" proferidas pelo seu interlocutor de então. Limitámos a nossa escolha a enunciados em "discurso directo" que relatam um desacordo.<sup>1</sup> Incluímos também o contexto desses enunciados.

A escolha efectuada permite-nos distinguir diferentes enunciações.

Assim, no momento presente de enunciação (To) o locutor (L1) dirige-se ao seu interlocutor (L2) que desconhece os acontecimentos narrados e os discursos objecto de relato. L2, não tendo si-

do testemunha dos discursos anteriores, não poderá contradizer a veracidade do relato de L1. Por outro lado, os enunciados emitidos num tempo passado por L1 e pelo seu interlocutor de então, L3, e que exprimiam desacordo entre L1 e L3, são relatados em Io por L1, na ausência de L3.

A nossa análise incidirá em enunciados que resultam de uma filtragem por L1 de enunciações anteriores, próprias e alheias, integradas no discurso presente, em Io, de L1.

Analiseemos brevemente o processo dessa filtragem, partindo das "componentes da comunicação de base linguística" teorizadas por Pottier (1987, cap. II).

Seguindo um percurso onomasiológico, isto é, partindo do ponto de vista do locutor (locutor-relator, no presente estudo), temos num primeiro tempo uma operação de conceptualização preverbal que permite a escolha dos elementos referenciais (reais ou imaginários) que serão objecto de expressão linguística. Essa recolha está profundamente ligada ao conjunto das circunstâncias da comunicação e à intencionalidade do locutor (cf. "le situationnel" e "l'intentionnel" id. p. 15), isto é a factores pragmáticos.

Tendo em conta que os enunciados que analisaremos são produzidos numa dada situação interlocutiva, a operação de conceptualização do locutor-relator será influenciada pelas relações entre os interlocutores. A imagem que o locutor tem de si próprio, do(s) seu(s) interlocutor(es) e da própria situação interlocutiva, assim como a intencionalidade (mais ou menos consciente) do locutor vão constituir um filtro através do qual são seleccionados os elementos a comunicar. Baseando-nos na teoria desenvolvida por Pottier poderemos dizer que as relações entre esses elementos, isto é, as relações entre os "propósitos" ("propos") formam o "esquema analítico" ("schème analytique") que poderia ser ilustrado por imagens ou por um filme (id. p. 104). É o nível noemático, definido pelo autor como "le lieu des noèmes, ou éléments de sens déliés des langues naturelles". (id. p. 16)

Ocupando-nos neste estudo de relatos de situações vividas pelo locutor e de diálogos passados, o "esquema analítico" compõe-se de elementos memorizados pelo locutor.

A subjectividade do locutor, constitutiva das imagens e da intencionalidade do locutor, assim como da própria memorização de elementos, tem uma importância fundamental para a compreensão do "esquema analítico", primeira etapa do processo de emissão de enunciados relatados.

A segunda etapa, a dos "esquemas de entendimento" ("schèmes d'entendement") corresponde à escolha dos lexemas: "pour dire ces propos, l'émetteur doit choisir des lexèmes". (id. p. 104).

A componente pragmática (situacional e intencional) e a competência linguística do locutor levam a determinadas escolhas lexemáticas.

Nesta fase do percurso onomasiológico, o locutor que relata um desacordo de que ele foi protagonista, estrutura os seus enunciados:

1º fazendo "uma escolha predicativa" ("choix prédictif"), isto é, escolhendo "une base pour la vision du schème d'entendement" (id. p. 104);

2º hierarquizando os "esquemas predicados" ("schèmes prédiqués") (id. p. 105).

As escolhas semânticas conduzirão a determinadas escolhas sintácticas. O resultado destas operações será o "esquema resultativo" ("schème résultatif") (id. p. 105).

No percurso que leva do "esquema predicado" ao "esquema resultativo", temos pois um conjunto de escolhas semânticas<sup>2</sup> que levarão a escolhas sintácticas.

O locutor, relator de um desacordo passado de que foi protagonista, fará as suas escolhas semânticas e sintácticas de modo a fazer prevalecer a sua própria interpretação dos acontecimentos e dos enunciados a relatar, isto é, em termos de Goffman, de modo a "não perder a face" (v. Goffman, 1959).

Os enunciados relatados em discurso directo serão integrados num discurso que orienta a sua interpretação.

A subjectividade enunciativa do locutor-relator captando a subjectividade enunciativa do seu locutor passado, transforma-a e adapta-a à sua própria subjectividade.

Aproximemo-nos da sugestão feita por Dulong a propósito da

narrativa oral: "Je suggère que la formulation d'un récit oral, ce en quoi le résumé après coup l'auditeur, est en rapport direct avec l'intention qui oriente sa production, que le narrateur travaille à organiser ses descriptions en sorte que son auditeur en retienne ce qu'il a retenu, et qu'il est possible de découvrir la trace de ce travail dans le document que constitue l'enregistrement". (Dulong, 1987, pp. 139-140).

Na sequência das reflexões apresentadas, a segunda parte do nosso trabalho pretende contribuir para o desenvolvimento de um método de análise de processos linguísticos a que os falantes recorrem para exprimir a sua subjectividade quando do relato de enunciados e acontecimentos passados.

Analisaremos a primeira parte de um diálogo gravado e transcrito<sup>3</sup> pela Equipa do Português Fundamental do Centro de Linguística das Universidades de Lisboa.

O locutor L1 relata a L2 as circunstâncias em que foi multado e o diálogo ocorrido entre ele e o polícia (L3) que o multou.

L1 relata em discurso directo os enunciados proferidos por L3 e por si próprio. Esta "fidelidade"<sup>4</sup> às palavras proferidas manteria bem distintas as enunciações de L1 e de L3. Tratar-se-ia de um relato feito objectivamente por L1 a L2. Dessa pretensa demarcação enunciativa irrompe a sobreposição da subjectividade do locutor-relator (L1).

Os recursos linguísticos utilizados por L1 são múltiplos.

L1 faz preceder os enunciados relatados em "discurso directo" de um comentário. Esta escolha de organização discursiva, assim como as modalidades expressas colocam, desde o início do diálogo relatado entre L1 e L2, a "voz" do locutor-relator (L1) em primeiro plano<sup>5</sup> (relativamente à "voz" de L3).

O comentário inicial, em que L1 orienta a interpretação dos enunciados que vai relatar, é reforçado por comentários intermédios e finais.

Assim, os enunciados relatados em discurso directo constituem "ilhas" de objectividade aparente no relato de enunciados pas-

sados, já que a sua integração no discurso do locutor-relator (L1) é dominada pela enunciação deste.

Os comentários de L1, estabelecendo entre si relações catafóricas e anafóricas constituem um enquadramento interpretativo dos enunciados em discurso directo.

Para além deste enquadramento interpretativo global, os enunciados relatados estão directamente dependentes de um comentário que os modula.

O comentário inicial de L1 é introduzido por uma modalidade,<sup>6</sup> resultante da combinação de modalidades óptica e alética. Esta modalidade complexa serve de suporte a uma modalidade axiológica, subentendida.

Os enunciados são os seguintes:

L1 - "É que se eu fosse um tipo de dinheiro, tás a compreender, sabes o que é que isto acontecia."

O segmento "se eu fosse um tipo de dinheiro" tem valor óptico, isto é de "existência", modulado pelo valor alético encarado por L1 como hipotético.<sup>7</sup> Este segmento é introduzido por um apresentador de relação causal "é que", expressão de uma modalidade alética de valor obrigatório (se A, então B). A parte final deste encadeamento causal, isto é a consequência B de uma causa A, é omitida pelo locutor. No entanto, tendo em conta um determinado "universo de crença"<sup>8</sup> que L1 supõe partilhado pelo seu interlocutor L2, a ausência de expressão da consequência B será facilmente colmatada pela interpretação de L2.

L1 assegura-se da partilha de "universo de crença" fazendo apelo à cooperação interpretativa de L2: "tás a compreender, sabes o que é que isto acontecia". Esse apelo é expresso por uma interpelação directa (forma de tratamento de 2ª pessoa), através de asserção afirmativa (com traços prosódicos de interrogação) de COMPREENDER e de SABER: "tás a compreender", "sabes" (cf. formulação interlocutiva<sup>9</sup>).

A parte final, omitida no enunciado de L1, mas para a qual L1 apela a interpretação de L2, subentende um julgamento ético (do tipo "as autoridades policiais abusam da sua autoridade"; "só há justiça para quem tem dinheiro"), isto é, uma modalidade axiológica.



Assim, as modalidades óptica e alética e a formulação interlocutiva, expressas em enunciados que servem de suporte à interpretação de uma modalidade axiológica, estão numa relação de dependência semântica relativamente a esta. Com efeito, a enunciação de L1 é dotada de um julgamento ético negativo relativamente a L3 (cujos enunciados vai relatar).

Segue-se uma sequência de enunciados em que L1 faz a "teatralização" do cenário, procurando fornecer a L2 pontos de referência espaciais, que lhe permitem a reconstrução espacial do local<sup>10</sup> em que decorreu o diálogo a relatar. Os pontos de partida espaciais são os de L1:

L1 - "Há o cinema do, dos, do, do palácio. Há aquela filazinha quando se tá ao pé do, pra baixo mesmo".

L2 aceita partilhá-los, cooperando nessa encenação do espaço:

L2 - "Do cinema."

o que permite a L1 partir do ponto de referência de L2 (que na realidade fora sugerido por L1) para continuar a recriação do espaço, segundo o seu próprio ponto de vista.

L1 - "Do cinema. Ora, portanto, está a fila do lado direito, três carros, dois carros e eu ponho o meu fica o terceiro. Há a fila de, há portanto, na outra, isto do lado direito, agora no lado esquerdo há dois automóveis pa cima que estão a impedir, estás a compreender, o trânsito dum lado e doutro [...]"

A descrição espacial é interrompida pela fórmula interlocutória "estás a compreender" pela qual L1 tenta manter o "contacto psicológico"<sup>11</sup> e a adesão de L2.

L1 procura pôr L2 numa situação de testemunha (mas segundo os pontos de referência de L1). Aproximamo-nos da noção de "testemunhal" ("testimonial") de Pottier incluída na modalidade epistémica: "Le testimonial est une situation de communication dans laquelle on prend en compte personnellement le propos que l'on tient: 'je sais, car j'y étais, que...'" (1987, p. 203)

Assim, L1 fornece os pontos de referência necessários a L2 para este se apropriar da sua enunciação (de L1). No segmento seguinte, a modalidade epistémica com valor de certeza, expressa por "não há dúvida nenhuma",

confirma essa coincidência de pontos de vista.

L1 - "[...] Eu pondo ali o meu também ficava a impedir, não há dúvida nenhuma. O que é que acontece? Acontece que aquilo começa pra lá não podia, não é, os indivíduos podiam ter a sair pelo hotel, pelo antigamente o, o, o, aquele cafezito que havia ali, aquela pastelaria à saída ou se não saírem, irem, irem pela parte que se vai pó casino. A solução, ponho ali o meu carro e quando venho: '[...]'."

A posição do enunciador é expressa neste segmento pelas modalidades: 1<sup>o</sup> epistémica com valor de certeza: "não há dúvida nenhuma", "a solução"; 2<sup>o</sup> axiológica ética com valor positivo: negação de um contrafactual julgado negativamente (segundo o "universo de crença" partilhado pelos interlocutores e pela comunidade em geral): construção gerundiva com valor hipotético, "eu pondo ali o [carro] ficava a impedir".

Os enunciados relacionados em discurso directo, que se seguem, inserem-se assim num discurso fortemente modalizado por L1: como vimos, a modalidade axiológica ética com valor positivo exprime a posição de L1 relativamente à sua própria enunciação, enquanto a modalidade ética com valor negativo exprime a posição de L1 relativamente à enunciação de L3.

A cooperação dialógica de L2 reforça os julgamentos de L1 que os apresenta como partilhados pela comunidade a que ambos pertencem (v. supra modalidade epistémica com valor de certeza).

A subjectividade enunciativa de L1, pelos processos linguísticos e discursivos que acabamos de analisar, filtra a enunciação de L3 que vai ser relatada.

L3 (segundo relato de L1) - "Olhe, fazia o favor os seus documentos;"

L1 e L2 - "Claro mostrei os documentos."

Segundo este comentário, L1 aceita o valor ilocutório do acto de ordem de L3, modalizado pela fórmula interlocutória de apelo "olhe" e pela fórmula de delicadeza "fazia o favor". O efeito perlocutório "mostrei os documentos" inscreve-se na lógica do acto de fala realizado por L3. Essa lógica é aceite por L1: "Claro", expressão de uma modalidade alética (zona do necessário, inevitável) que supõe o epistémico (zona do "estar certo de")<sup>12</sup>.

A simetria perfeita entre o acto ilocutório de ordem e o seu efeito perlocutório torna inesperado o desacordo que é relatado em seguida.

L1 (em relato de L1) - "Porquê?"

Este pedido de justificação põe em causa a autoridade do polícia, aceite anteriormente (v. efeito perlocutório do acto de ordem).

L3 (em relato de L1) - "O senhor tá atuado"

L3 ignorando a interrogação de L1, dirige-se-lhe utilizando a forma de tratamento de distância e de delicadeza "o senhor" e realizando novo acto ilocutório (v. "tá atuado") que reafirma a sua autoridade.

De notar o corte do registo<sup>13</sup> de distância inicial ("o senhor") pela introdução de um registo de familiaridade, marcado pela forma elidida "tá atuado" (em vez de "está atuado"). L1 ao relatar o enunciado de L3 introduz uma incoerência de registos, o que supõe uma avaliação negativa (v. modalidade axiológica ética de valor negativo) da parte de L1, relativamente à enunciação de L3.

Esta "falha" na coerência discursiva de L3, segundo o relato de L1, afecta a condição *sine qua non* dos seus actos ilocutórios de ordem, isto é, a sua autoridade. Legitimam-se assim os enunciados de L1:

L1 (relatado por L1) - "O senhor está atuado? Mas o senhor sabe se o carro é meu?"

No que diz respeito ao primeiro enunciado: L1, transformando a asserção afirmativa de L3 em interrogação, põe em dúvida a legitimidade do acto ilocutório de L3; substituindo a forma elidida "tá" por "está", introduz uma correcção relativa ao enunciado precedente de L3.

Quanto ao segundo enunciado, o questionamento de que L3 é alvo, inverte os papéis na relação de autoridade. A forma de tratamento nominal "o senhor", marcando um distanciamento respeitoso, atenua esse inversão de papéis. Pelas suas realizações discursivas, L1 corrompe a relação de autoridade, condição necessária da força ilocutória dos enunciados de L3.

No relato de L1 seguem-se imediatamente os enunciados de

L3, sem qualquer comentário ou introdução. Esta sucessão de enunciados relatados em discurso directo contribui para dar um carácter de objectividade ao relato de L1.

L3 (em relato de L1) - "Mas o senhor teve agora a dizer que o carro é seu. Mas o senhor faz o favor de tirar."

A forma de tratamento de distância cerimoniosa mantém-se. A elisão da forma verbal, "teve" por "esteve", atribuída por L1 a L3 repete-se (v. supra). A resposta de L3 à pergunta "subversiva" formulada por L1, é, por si mesma, um reconhecimento do acto ilocutório de L1. Esse reconhecimento é anulado em seguida por novo acto ilocutório de ordem de L3, que assim retoma a sua posição de autoridade.

L1 relata o enunciado de L3 como inacabado. Esse inacabamento é colmatado por o que se poderia designar "descrição das vozes" de L3 e de L1, feita por L1.

L1 - "O gajo começou ali a levantar muito al[to]... muito a conversa e eu não gosto de discussões."

A noção de "voz" (*ethos*) remonta à retórica antiga, como no-lo diz Maingueneau na sua última obra: "Le discours est inséparable de ce qu'on pourrait désigner très grossièrement comme une 'voix'. C'était d'ailleurs là une dimension bien connue de la rhétorique antique qui entendait par *ethè* les propriétés que se conféraient implicitement les orateurs à travers leur manière de dire: non pas donc ce qu'ils disaient sur eux-mêmes, mais ce qu'ils montraient par leur manière même de s'exprimer." (1987, p. 31)

L1 descreve duas "maneiras de se exprimir" opostas: a sua, calma; a de L3, exaltada. No contexto social que é o de L1 e L2, a maneira de se exprimir de L1 é valorizada; a de L3 desvalorizada.

O enunciado em que L1 descreve as "vozes" tem pois, subentendida, a expressão de uma modalidade axiológica normativa (CORRECTO/INCORRECTO; NORMAL/ANORMAL)<sup>14</sup>.

A última parte do enunciado de L1: "[...] então mostrei-lhe os documentos, mostrei-lhe os documentos [...]", reforça a modalidade axiológica subentendida já na primeira parte do enunciado.

Assim, a enunciação de L3 é de novo filtrada pela interpretação de L1.

O relato de L1 continua. Seria interessante analisá-lo na sua totalidade, assim como fazer a análise de outros relatos e sintetizar os resultados. Neste trabalho, pelos limites de tempo e de espaço impostos, não é possível fazê-lo.

As conclusões serão, antes de mais, prudentes. Com efeito, os resultados obtidos, fruto de análises parciais, não se pretendem generalizáveis. Poderão, contudo, sugerir pistas de investigação, num domínio de grande complexidade linguística.

A análise realizada, estabelecendo um elo entre fenómenos pragmáticos, semânticos, sintácticos e de organização textual, põe em evidência as vantagens de um ponto de partida conceptual e semântico.

Com efeito, o método de análise que desenvolvemos permitiu-nos distinguir uma complexidade de processos linguísticos, utilizados pelo locutor-relator, para fazer prevalecer a sua própria interpretação dos acontecimentos e dos enunciados.

Assim,

I Os enunciados relatados em "discurso directo" são integrados num discurso que orienta a sua interpretação, através de comentários.

O comentário inclui:

1. a expressão de modalidades ónticas, aléticas e epistémicas que subentendem modalidades axiológicas: valorativas para a enunciação passada do locutor-relator, desvalorativas para a enunciação do locutor-relatado ( / do locutor-relator);

2. a expressão de pontos de referência espaciais, apresentados pelo locutor-relator, que permitam ao interlocutor a reconstrução espacial do local onde se desenrolou o diálogo relatado;

3. a criação fictícia - segundo os pontos de referência do locutor-relator - de uma situação de comunicação "testemunhal" de que o interlocutor (a quem se dirige o relato) teria feito parte;

4. a expressão de modalidades epistémicas com valor de certeza: o locutor-relator supõe que os seus "universos de crença" coincidem com os do seu interlocutor;

5. a formulação interlocutiva pela qual o locutor-relator apela para a adesão do seu interlocutor;

6. a descrição: - de efeitos perlocutórios de actos de fala dos interlocutores (cujos enunciados são relatados)

- das "vozes" (v. *ethè*) relatadas ("vozes", de si próprio, locutor-relator, e do interlocutor passado).

Essa descrição contém uma modalidade axiológica, de valor positivo para a enunciação passada do locutor-relator, de valor negativo para a enunciação do seu interlocutor passado.

II Os enunciados em "discurso directo" do locutor-relator são constituídos por:

A - relato dos seus próprios enunciados

B - relato dos enunciados do seu interlocutor de então.

Os enunciados A caracterizam-se por uma coerência de registos de que carecem os enunciados B.

Enunciados A comportam uma "subversão" das condições necessárias à performatividade de actos de fala de enunciados B. Não se verifica o equivalente relativamente a B.

A "voz" (v. *supra ethos*) é valorizada em relação a A, desvalorizada em relação a B, pela expressão subentendida de uma modalidade axiológica.

Os resultados obtidos permitem-nos concluir que a subjectividade enunciativa do locutor-relator, captando e adaptando a subjectividade enunciativa do seu interlocutor passado, prevalece, mesmo na enunciação do discurso relatado em "discurso directo".

## NOTAS

1. Para o estudo de expressão do "DESACORDO" em português, v. Maria Helena Araújo Carreira, a publicar.
2. Situamos as escolhas do locutor numa escala que vai de -consciência a +consciência. No nosso trabalho, "escolha do locutor" deverá ser interpretado "escolha mais ou menos consciente do locutor".
3. Nº 0401 - Arquivos do Português Fundamental.
4. V. Authier (1978, p.9).
5. V. Danon-Boileau et Bouscaren; "La présence des modalités et des aspects que le commentaire contient incite le lecteur à voir dans le texte la "mise en avant" d'un énonciateur, l'avènement d'une voix." (1984, p. 64)
6. V. Pottier (1987, cap. XVI "La modelisation").
7. Cf. Martin (1987, p. 17) "mundos acidentalmente contrafactuais"
8. "Une première approximation conduit à définir l'univers de croyance comme l'ensemble de propositions qu'au moment où il s'exprime le locuteur tient pour vraies (et conséquemment celles qu'il tient pour fausses) ou qu'il cherche à accréditer comme telles" (id. p. 10).
9. Cf. Pottier (1976, p. 47; 1980, p. 173).
10. Cf. Authier (1978, p. 53) "cadre situationnel".
11. V. Jakobson (1963, p. 217).

12. Pottier (1987, p. 202).
13. V. Authier (1979, p. 213) "variétés de code".
14. V. Pottier (1987, p. 205).

#### BIBLIOGRAFIA

- Authier, J. (1978) - Les formes du discours rapporté. Remarques syntaxiques et sémantiques à partir des traitements proposés. *DRLAV*, nº 17, 1-87.
- Authier, J. (1982) - Hétérogénéité montrée et hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans le discours. *DRLAV*, nº 26, 91-151.
- Authier-Revuz, J. (1984) - Hétérogénéité énonciative. *Langages*, nº 73, 98 - 111.
- Benveniste, E. (1966) - *Problèmes de linguistique générale I*. Paris: Gallimard.
- Carreira, M. H. Araújo (a publicar) - De l'intentionnel au linguistique: l'expression du 'DESACCORD' en portugais. *Actes du XVIII<sup>e</sup> Congrès International de Linguistique et Philologie Romanes* (Trèves, R.F.A., Université de Trèves, 19-24 mai 1986). Trier, R.F.A.



- 
- Danon-Boileau, L. et Bouscaren, J. (1984) - Pour en finir avec Procuste. *Langages*, n° 73, 57-73.
- Ducrot, O. (1984) - Esquisse d'une théorie polyphonique de l'énonciation. In Ducrot, O. *Le dire et le Dit*. Paris: Minuit.
- Dulong, R. (1987) - "Vous vous rendez compte..." Etude du format d'un récit de victime. *Lexique*, n° 5, 139-159.
- Goffman, E. (1959) - *The presentation of self in everyday life*. New York: Doubleday.
- Jakobson, R. (1963) - *Essais de linguistique générale*. Paris: Minuit.
- Langages* (1984) - n° 73. *Les plans de l'énonciation*.
- Maingueneau, D. (1987) - *Nouvelles tendances en analyse du discours*. Paris: Hachette.
- Martin, R. (1987) - *Langage et croyance*. Bruxelles: Mardaga.
- Pottier, B. (1976) - *Linguistique générale*. Paris: Klincksieck.
- Pottier, B. (1980) - Sémantique et noémique. *Anuario de Estudios Filológicos* (Cáceres), 169-177.
- Pottier, B. (1987) - *Théorie et analyse en linguistique*. Paris: Hachette.
- Todorov, T. (1981) - *Mikhaïl Bakhtine. Le principe dialogique*. Paris: Seuil.

## ANEXO

Inquérito Nº 0401 - Arquivos do Português Fundamental -  
Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.

L 1 - É que se eu fosse um tipo de dinheiro, tás a compreender, sabes o que é que isto acontecia. Há o cinema do, dos, do, do palácio. Há aquela filazinha quando se tá ao pé do, pra baixo mesmo.

L 2 - Do cinema

L 1 - Do cinema. Ora, portanto, está a fila do lado direito, três carros, dois carros e eu ponho o meu, fica o terceiro. Há a fila de, há, portanto, na outra, isto do lado direito, agora no lado esquerdo há dois automóveis pa cima que estão a impedir, estás a compreender, o trânsito dum lado e doutro. Eu pondo ali o meu também ficava a impedir, não há dúvida nenhuma. O que é que acontece? Acontece que aquilo começa pra lá não podia, podia, não é, os indivíduos podiam ter a sair pelo hotel, pelo antigamente o, o, o, aquele cafezito que havia ali, aquela pastelaria à saída. Portanto, podiam ter saída ou se não saírem irem, pela parte que se vai pó casino. A solução, ponho ali o meu carro e quando venho: "Olhe, fazia o favor, os seus documentos". Claro, mostrei os documentos e: "Porquê?". "O senhor tá autuado". "O senhor está autuado? Mas o senhor sabe se o carro é meu?". "Mas o senhor teve agora dizer que o carro é seu." "Mas o senhor faz o favor de tirar", o gajo começou ali a levantar muito al[to] muito a conversa e eu não gosto de discussões, então mostrei-lhe os documentos, mostrei-lhe os documentos [...].